

"Canalizar mais recursos para área exportadora"

**por Walkyria Portes
de São Paulo**

"O maior problema do Brasil não é a dívida externa, mas aumentar as exportações." Com esse argumento, o gerente geral e representante do Libra Bank Plc. — que está entre os maiores credores ingleses do País —, Igor Cornelisen, defende a regulamentação da conversão de dívida em investimento, como uma forma de canalizar recursos para o setor exportador.

Para ele, existe no Brasil um preconceito contra exportação, quando, entende, é um modelo que gera mais empregos do que a substituição de importações. "Isso não é novidade. Esse caminho (de fomento às exportações) foi adotado por diversos países, como Japão, Alemanha, Itália. Todos os países que se desenvolveram rapidamente depois da Segunda Guerra Mundial adotaram essa política."

Nesse sentido, Cornelisen acredita que a dívida externa deve ser utilizada para acelerar a implantação de um modelo exportador, já adotado por países endividados como a Coreia do Sul, que exportou no ano passado US\$ 35 bilhões e no primeiro trimestre deste ano amortizou US\$ 1,7 bilhão do principal, mais juros.

ATRAIR INVESTIMENTOS

Segundo ele, no final do século algumas indústrias, como as montadoras de automóveis, terão de migrar dos países centrais para os periféricos, em vista de custos. Entre os países que poderiam contar com investimentos dessas empresas, disse, está o Brasil, "que, nesse momento, deveria usar a dívida, que está sendo vendida com deságio no mercado secundário, para atrair essas indústrias". A Volkswagen comprou dívida mexicana para investir na construção de uma nova fábrica nesse país, que exportará carros para os Estados Unidos, e a General Motors, Ford e Chrysler estão fazendo a mesma coisa, ilustra.

Ele sugere ainda, como uma questão a ser analisada, ao governo permitir que brasileiros, mediante anistia fiscal, "comprem dívida externa com recursos que têm no exterior e recebam a totalidade do valor em cruzados equivalentes, cancelando-se o registro da dívida no Banco Central". O governo, "com o patrocínio dos bancos credores, estaria incentivando um processo de repatriação de capital". Essa opção, sugere ainda, poderia ser estendida a estrangeiros, que não teriam direito a remessa de dividendos e capital.

DÍVIDA EM AÇÕES

Uma outra possibilidade que merece análise, no entender do representante do Libra, é a transformação da dívida em ações. Isso permitiria viabilização de novos "underwritings" e vendas de ações de empresas estatais em bolsa, "garantindo-se que houvesse equilíbrio de valores entre a dívida convertida e as novas ações oferecidas ao público, de modo a evitar grandes oscilações nos preços das ações".